

AMARELO ÁCIDO

SUZANA YUKARI MARUYA

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO 2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Maruya, Suzana Yukari

Amarelo Ácido: Livro imagem sobre os preconceitos
vividos por brasileiros asiáticos / Suzana Yukari Maruya;
orientadora Clice Mazzilli. - São Paulo, 2018.
112p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design) -
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de
São Paulo.

1. Design Gráfico. 2. Brasileiro Asiático. 3.
Estereótipo. 4. Livro Ilustrado. I. Mazzilli, Clice, orient.
II. Título.

AMARELO ÁCIDO

LIVRO IMAGEM SOBRE OS PRECONCEITOS VIVIDOS POR
BRASILEIROS ASIÁTICOS

Relatório Parcial do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo (FAU-USP), como exigência para
obtenção do grau de Bacharel em Design.

SUZANA YUKARI MARUYA
ORIENTADORA: PROFª DRª CLICE MAZZILLI

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO 2018

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Clíce Mazzilli por apoiar, auxiliar nesse longo caminho do projeto.

Aos professores Eleida de Camargo, Takashi Fukushima, Marcos Braga pela disponibilidade, participação na banca do Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos meus queridos amigos Gustavo Eda, Bárbara Gomes, Daiana Takara, Karina Katsumata e Ester Ryoo. A jornada pelo curso de Design não seria a mesma sem vocês ao meu lado.

À todos os participantes do teste de usuário, que doaram seu tempo livre e me deram feedbacks importantes para a versão final do projeto.

Ao Arthur Alves pelo companheirismo, apoio e ajuda.

Aos meus pais e minhas irmãs que sempre me apoiam e estão por perto. Este projeto não existiria sem o suporte da minha família.

Obrigada.

RESUMO

Esse projeto tem como objetivo realizar um estudo explorando os preconceitos e demais situações de desconforto social sofridas por asiáticos e seus descendentes que vivem no Brasil, e produzir um livro ilustrado, que veio a ser chamado de “Amarelo Ácido”, que expõe essas situações, procurando estimular a conscientização e empatia sobre esse tema. No contexto atual de maior facilidade de comunicação entre os membros das diferentes comunidades asiáticas presentes no país devido ao desenvolvimento e disseminação do acesso a meios de comunicação como a internet, um assunto que vem sendo muito discutido é o de como as pessoas que fazem parte desse segmento da população são tratadas como estrangeiros dentro de sua própria nação de origem, sendo vistos não como os indivíduos que são, mas como diferentes estereótipos e generalizações que afetam negativamente a sua identidade, reduzindo-a exclusivamente a etnia a qual eles pertencem.

Além do estudo de diversos materiais teóricos sobre o assunto, foram realizadas conversas com membros das comunidades asiáticas para levantar as diferentes situações de preconceito abordadas no livro ilustrado, que usou da linguagem narrativa visual das histórias em quadrinhos para intensificar a empatia sentida pelos leitores com relação aos personagens presentes nas curtas histórias retratadas. Após a criação do livro, foi realizada uma pesquisa de usuário com o objetivo de entender o impacto que essa obra obteve dentro dos objetivos esperados no início do projeto.

Apesar de ter passado por algumas dificuldades, após algumas alterações com o resultado da pesquisa de opinião, é possível concluir que, de maneira geral, o livro alcançou seu objetivo de estimular a empatia. No futuro, é possível que esse projeto poderá continuar através da criação de mais livros, que venham a abordar mais situações do dia a dia de asiáticos no Brasil, ajudando a criar um maior entendimento da perspectiva única dessa porção da população do país.

Palavras-chave: *design gráfico, brasileiro asiático, estereótipo, livro ilustrado.*

ABSTRACT

The objective of this project is to conduct a study that explores the prejudice and other forms of social discomfort that asians and their descendents that reside in Brazil suffer on a daily basis, and to expose these negative situations in an illustrated book, that came to be called "Amarelo Ácido" (Acid Yellow), that intends to bring awareness to the subject and encourage empathy for it. In the current context we live in today, the communication between different asian communities in the country has become easier due to developments in technology such as the internet, and one of the subjects that has constantly been discussed is the way that the people who are part of this segment of the population are treated as outsiders within their own nation, suffering from being seen not as the individuals that they are, but as stereotypes and generalizations that diminish their whole identity to that of the ethnic group they belong in. Besides researching a lot of theoretical reference material on the subject, talks with members from the asian communities were conducted in order for the narrative of prejudice in the book to reflect reality. The use of the visual language of comics was used in the book in order to intensify the empathy felt by the readers in relation to the characters in the short stories. After the book was complete, a user review was conducted in order to understand the impact that it had in comparison to the expected results.

Although there were some issues made clear through the user review, the book was changed in order to correct them, and it's possible to conclude that, in a general sense, the book was successful in its attempt to encourage empathy. In the future, this project may continue through new books, that may reference other day to day situations that brazilian asian individuals go through on a daily basis, in order to reinforce the understanding of the unique perspective of this segment of the country's population.

Keywords: graphic design, brazilian asian, stereotype, illustrated book.

SUMÁRIO

1.0	INTRODUÇÃO	17
1.1	MOTIVAÇÃO	17
1.2	A COMUNIDADE NAS REDES SOCIAIS	18
2.0	PESQUISA	23
2.1	ASIÁTICOS NO BRASIL	23
2.2	A MINORIA MODELO	24
2.3	REPRESENTATIVIDADE	26
3.0	REFERÊNCIAS	35
3.1	PLANETA TANGERINA E PATO LÓGICO	35
3.2	LIVROS	36
3.3	ARTISTAS	40
4.0	DESENVOLVIMENTO	49
4.1	REQUISITOS	49
4.2	PRIMEIRAS IDÉIAS	50
4.3	PERSONAGENS	53
4.4	ARTE	56
4.5	QUADRINHOS	57
4.6	TÍTULO	63
4.7	TIPOGRAFIA	64
4.8	CAPA	65
5.0	TESTE COM O USUÁRIO	69
5.1	ESTATÍSTICAS	70
5.2	POSICIONAMENTO DO USUÁRIO	70
5.3	CONCLUSÃO DO TESTE	71
6.0	AMARELO ÁCIDO	75
6.1	ALTERAÇÕES	75
6.2	LIVRO IMPRESSO	76
7.0	CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
8.0	BIBLIOGRAFIA	80
	ANEXOS	83

INTRODUÇÃO

1.0 INTRODUÇÃO

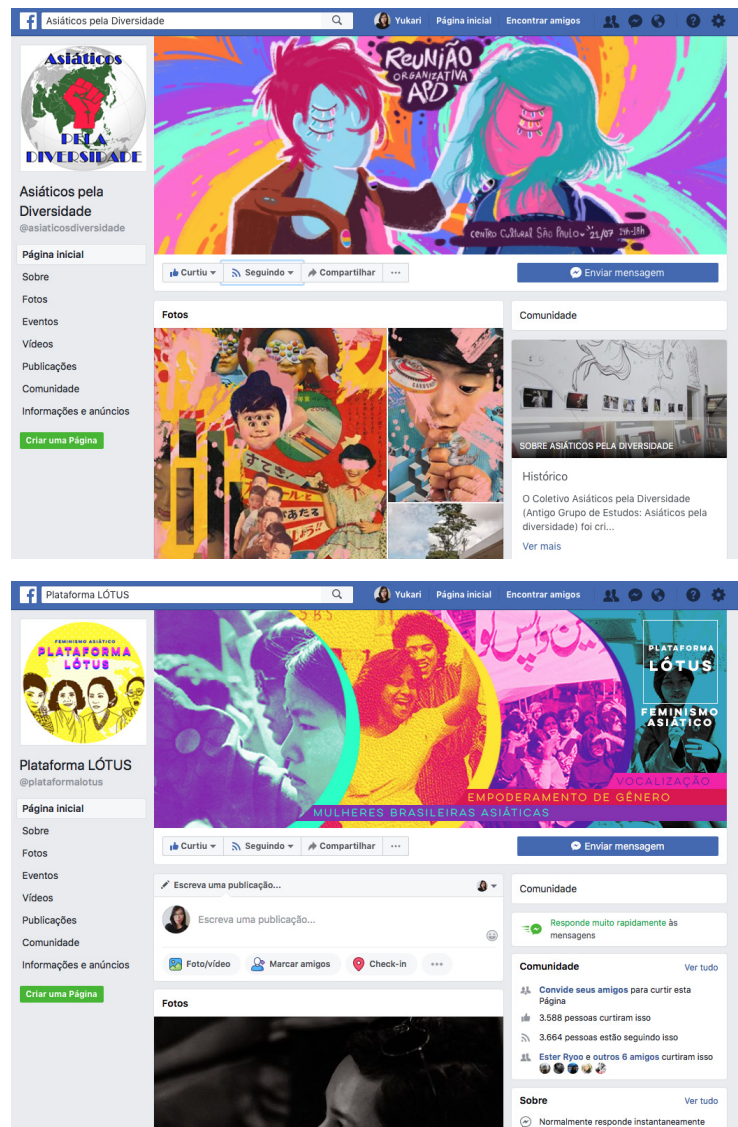
1.1 MOTIVAÇÃO

No início do quinto ano da graduação, passei a me perguntar qual tema realmente gostaria de discutir para o Trabalho de Conclusão do Curso, muitas ideias que surgiam e agradavam, me pareceram temas fracos e um tanto rasos para um projeto final. Nesta época, por meio das redes sociais, conheci grupos criados por comunidades asiáticas que vivem no ocidente que compartilham várias notícias relacionadas e discutem sobre a visibilidade asiática, representatividade e preconceito.

Pelo fato de ter vivido em uma cidade do interior, em que a porcentagem da população asiática é bem pequena e por isso os ocidentais parecem menos “acostumados” com essa etnia diferente, por muito tempo acabei aceitando que seria conhecida como a “japa” da turma, ou a “japa paraguaia” quando não estava alcançando as expectativas dos outros, além de escutar pessoas na rua berrando palavras aleatórias em japonês ou onomatopéias imitando filmes de artes marciais.

Existe uma expressão japonesa muito comum, “shouganai” que pode ser entendida como “não há o que fazer” e esta era a forma que eu entendia essas “brincadeiras” que até os professores do colégio faziam.

Entrar em contato com esses grupos de asiáticos brasileiros foi essencial para poder analisar todas as situações que sempre aconteceram e me incomodavam, sem saber bem por quê. Através dessa comunidade, além de me interessar mais pela militância asiática, tive contato com trabalhos de vários artistas brasileiros como Monge Han, Ing Lee e Paty Baik, que fazem ilustrações sobre os brasileiros asiáticos de formas únicas. Esse artistas me inspiraram a querer participar do movimento de maneira mais ativa e ao mesmo tempo trabalhar com as minhas ilustrações, experimentando estilos e técnicas diferentes. Pois, apesar do interesse pela ilustração desde a infância, nos últimos anos estava desenhando cada vez menos, e criar um TCC com esse tema tão inspirador me motivou a desenhar novamente.

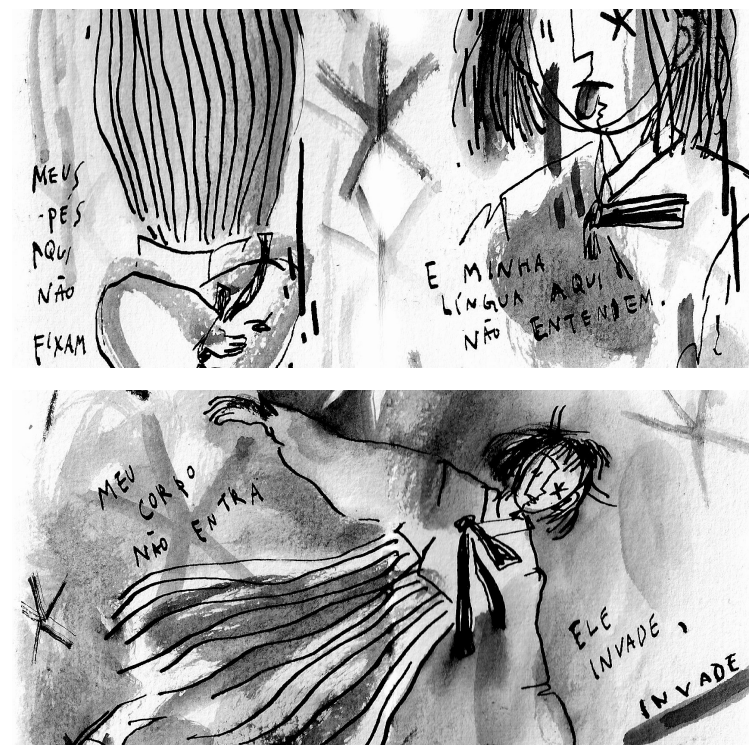


Páginas de militância asiática na rede social facebook.

1.2 AS COMUNIDADES NAS REDES SOCIAIS

Como apresentado anteriormente, os grupos de militância asiática são a principal inspiração e motivação deste projeto. O primeiro grupo a ter conhecimento foi o SAD & ASIAN pelo facebook, este grupo internacional reúne descendentes de asiáticos que se identifica feminino ou queer para compartilhar seus projetos, oportunidades de trabalho e também existe o espaço para dividir experiências e apoio.

Nesta mesma época, também pelo facebook, passei a seguir páginas brasileiras organizadas por jovens descendentes de asiáticos, como o Perigo Amarelo, a Plataforma Lótus e o Asiáticos pela Diversidade, onde expõem as microagressões, o estereótipo, o racismo a xenofobia que este grupo vivencia no Brasil. E da mesma forma que o SAD & ASIAN, vários membros compartilham seus projetos, um deles foi o vídeo “Coisas que os asiáticos brasileiros sempre ouvem” do YO BAN BOO, um canal do Youtube criado por um grupo de amigos em que diante da informação de que apenas 3% dos personagens em produções



Monge Han
Criança Amarela (2017)

Paty Baik
Não sou Daqui (2017)

Ing Lee
F.A.Q. (2018)



audiovisuais brasileiras pertencem à categoria “asiáticos/indígenas/outros”, queriam criar um espaço para os atores desta minoria, mas com o passar do tempo, o canal começou a publicar vídeos com temas mais sérios relacionados ao brasileiro asiático.

Através dessas páginas, conheci artistas descendentes de asiáticos que fazem ilustrações incríveis, como o Monge Han e seus quadrinhos “Criança Amarela”, em que o artista reflete sobre sua origem, infância, adolescência sendo mestiço na jornada do autoconhecimento. “F.A.Q” é o quadrinho autobiográfico da artista Ing Lee, que lida com diálogos racistas e preconceituosos de forma engraçada e sarcástica. Várias das ilustrações feitas por esta artista são com o contorno preto e cores primárias bloqueadas.

E Paty Baik e a sua zine “Não sou daqui” expressa as reflexões sobre uma filha de imigrantes que não sente parte do próprio país, através da ilustração lúdica feito com nanquim.

PESQUISA

2.0 PESQUISA

2.1 ASIÁTICOS NO BRASIL

Segundo os dados do Censo de 2010 do IBGE, são 2.105.353 habitantes amarelos no Brasil, aproximadamente 1,1% da população brasileira, sendo o estado de São Paulo a maior concentração da comunidade asiática, em torno de 570.150 amarelos. Deixando claro que quando estamos falando de asiáticos no Brasil, referimos aos do leste asiático, China, Coréia e principalmente Japão.

Neste ano de 2018 completa-se 110 anos da imigração japonesa no Brasil no dia 18 de julho, data oficial dos primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil em 1908. Faz mais de 100 anos que os asiáticos chegaram ao Brasil, muitas famílias já estão na quarta ou quinta geração e, apesar disso, os descendentes de asiáticos ainda são considerados e tratados muitas vezes como estrangeiros, quando na verdade nasceram no Brasil e são brasileiros.

Ao pesquisar sobre a imigração japonesa no Brasil, percebe-se que pouco se discute o racismo antinipônico. Manuel Alves Filho, ao falar sobre o centenário da imigração no Jornal da UNICAMP, inicia o discurso afirmando que a vinda da comunidade japonesa ao Brasil é vista de forma extremamente positiva mas logo mostra em sua entrevista com Célia Sakurai e Priscila Nucci, ambas sociólogas, outro ponto de vista:

“O grupo teve que superar situações extremamente adversas, que vão das tensões geradas dentro da própria comunidade ao racismo perpetrado pelo restante da sociedade. Esses temas, pouco debatidos pela academia e praticamente desconhecidos do grande público” (Alves Filho, 2008).

Sakurai destaca que, desde o início do século XIX, dependendo do período e dos interesses envolvidos, os imigrantes japoneses eram vistos como desejáveis ou indesejáveis.

Como identifica o autor Dezem, na época da guerra entre Rússia e Japão em 1904, a revista ilustrada brasileira O Malho fez uma votação para os leitores escolhessem quem eles acreditavam que venceriam a guerra. E dos 5.301 leitores que participaram da votação, 78% era a favor do Japão.

“O pequeno arquipélago era visto nipônico era visto como “a nobre nação do sol levante”, “intrépido e destemido”, possuidor de uma “grandeza militar” que “caminha a passos tão largos para o progresso”. Por seu turno, o povo japonês era, segundo a opinião dos leitores, um fiel retrato de sua nação (Dezem, 2005).”

Apesar dessa idealização do Japão antes da imigração, na década de 30, período da Segunda Guerra Mundial, os japoneses e seus descendentes sofreram uma maior intolerância. Os antinipônicos radicais negavam qualquer preconceito racial em seus argumentos contra esses imigrantes. Para eles, os japoneses eram inassimiláveis do ponto de vista da antropologia e psíquica. Segundo Renato Kehl, a entrada dos asiáticos no Brasil era como um “crime de lesa-pátria” pois um país não é um laboratório para experiências e cruzamentos (Nucci, 2000).

Até a década de 40 encontra-se vários livros e artigos desse racismo antinipônico, mas no final dessa mesma década até metade de 1970, segundo a pesquisadora Priscila Nucci, o tema tornou-se quase inexistente nos trabalhos acadêmicos. Os estudos desta época passaram a focar em como a imigração contribuiu no desenvolvimento econômico do país e como a comunidade japonesa estava se integrando à sociedade brasileira.

Alexandre Bueno (2011) analisa na sua tese sobre imigração a reportagem da revista O Cruzeiro de 14 de junho de 1958, em que homenageavam os 50 anos de imigração japonesa. A reportagem cria uma imagem dos imigrantes japoneses e seus descendentes de trabalhadores competentes, como se eles tivessem uma obsessão ou paixão intensa pelo trabalho.

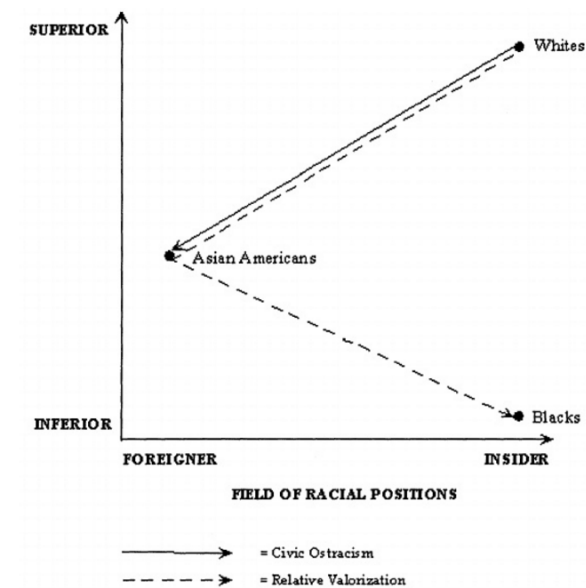
Os autores enxergam os imigrantes japoneses como “nossos novos irmãos”, e se referem a eles como “brasileiros de olhos oblíquos”. Na reportagem afirmam que esses brasileiros também estão comemorando essa data, pois estão felizes e satisfeitos nesse país, reforçando a imagem do Brasil como um país ausente de preconceitos raciais e religiosos. Foi apenas na década de 80 que o preconceito contra os japoneses e seus descendentes no Brasil voltou a ser discutido pelos estudiosos, um tema muito complexo e difícil de se tratar.

2.2 A MINORIA MODELO

“Minoria Modelo” é a forma como os asiáticos-ocidentais são vistos como o grupo racial que alcançou o sucesso. São considerados sérios, inteligentes, honestos, disciplinados e que se assimilaram bem com os brancos. Uma visão totalmente estereotipada que apesar de criar uma imagem positiva dos asiáticos, acarreta em vários outros problemas, tanto para os próprios asiáticos, como para os outros grupos minoritários, como os negros. A minoria modelo causa o desmerecimento das conquistas dos asiáticos, pois, segundo

este estereótipo, o asiático tem no gene o talento, e portanto conseguirá atingir qualquer objetivo sem o menor esforço. Isto não passa de uma visão errada que causa a falta de individualidade, uma vez que acreditam que todos os asiáticos têm essa mesma personalidade e qualidades. Ao mesmo tempo, o asiático se sente pressionado a seguir esta imagem de asiático perfeito, resultando em uma autoestima frágil. As expectativas sobre o asiático tornam-se extremamente altas, e, com essa falta de individualidade e autoestima, ele se sente deslocado, fora do grupo social.

Outro problema é a forma como a minoria modelo se torna um argumento contra as outras minorias étnicas, se tornando uma maneira de alegar que, se essas minorias se esforçassem como os asiáticos, também alcançariam o sucesso, sendo que na verdade existem muitas outras questões complexas envolvidas, tornando difícil ter respostas simples como “é só se esforçar mais”.



Este gráfico da teoria da triangulação racial de Claire Jean Kim (1999) representa de forma simples a posição dessas três etnias dentro da sociedade estadunidense. O negro e o branco pertencem bem mais ao lugar que o asiático estadunidense, que é sempre considerado um estrangeiro. Mas o negro é considerado bem inferior as outras duas quando se trata de privilégios. Sendo que o asiático estadunidense não têm o mesmo privilégio que o branco.



All-American Girls (1994).
Fonte: www.ew.com

Dr. Ken (2015).
Fonte: www.imdb.com

Acesso em julho de 2018

Fresh Off The Boat (2015).
Fonte: www.qz.com

Canal YO BAN BOO.
Fonte: www.evistatrip.uol.com.br

Acesso em julho de 2018

2.3 REPRESENTATIVIDADE

Em uma análise feita por Caynnã Santos e Claudia Acevedo, sobre a representação do asiático em propagandas no Brasil, mostrou-se como os asiáticos e outras minorias étnicas dividem um pequeno espaço na mídia em relação aos caucasianos. A pesquisa se baseou nos anúncios que foram publicados entre janeiro e dezembro de 2010 em quatro revistas de temas e públicos diferentes.

Apenas 4% dos modelos eram asiáticos, para os 88,7% dos modelos brancos e 7,1% dos modelos negros. Os modelos asiáticos, na grande maioria, são escolhidos para propagandas de tecnologia, economia ou ciências e raramente é escolhido para anúncios de beleza e alimento. E nessa pesquisa com material de um ano inteiro, por exemplo, não existe nenhuma propaganda desse tema com asiáticos.

Na televisão também a aparição do asiático é pequena e bem estereotipada como o japonês nerd que gosta de tecnologia, a japonesa certinha tímida ou a japonesa atraente e muito sensual. Esses personagens são sempre muito caricatos e irreais, com os quais não é possível se identificar ou sentir empatia..

A maior parte da minha vida optei por desenhos, novelas, filmes asiáticos, exatamente por me sentir mais à vontade e mais próxima dos personagens que não são todos generalizados, dado que a etnia não determina a personalidade dos seres humanos.

Na pesquisa "A Representatividade do Asiático-americano na TV Estadunidense: O Caso de Fresh Off The Boat" de Alessandra Vinco e Daniela Mazur (2016), a minoria asiática estadunidense tem uma representatividade nas séries de TV muito pequena. Esta minoria é historicamente limitado à personagens secundários, estereotipados ou de alívio cômico.

"De 1950 até 2015, apenas três sitcoms protagonizadas por asiáticos-americanos foram

exibidas na televisão americana: a primeira em 1994 com "All-american Girl" (ABC) e as que ainda se mantém no ar, "Fresh Off The Boat" (ABC) lançada em fevereiro de 2015 e "Dr. Ken" (ABC), em outubro de 2015" (VINCO, A., MAZUR, D., 2016)

Mesmo no Youtube, plataforma de vídeos digitais que todos os criadores na teoria tem o mesmo espaço e oportunidade, ao observar comunidade de criadores brasileiros, vemos que dentre os mais influentes e famosos, poucos são descendentes de asiáticos e em muitos casos esses próprios youtubers de ascendência asiática reforçam os estereótipos e preconceitos em seus vídeos, quando "imita" o sotaque do imigrante asiático ou ri de piadas sobre o corpo asiático.

Felizmente nos últimos anos mais canais que representam minorias, têm se formado no Brasil. O canal YO BAN BOO, por exemplo, é uma iniciativa de um grupo de amigos que ao observar a falta da representatividade asiática no Brasil, produz vídeos focando nos temas atuais da militância asiática no Brasil, uns de forma humorada, em outras em debates mais sérios.

YELLOWFACE

Yellowface é um exemplo de racismo que surgiu nos Estados Unidos. Em Hollywood os artistas brancos se maquiavam, muitas vezes de forma bem caricata, para se parecerem asiáticos. Eles não contratavam artistas asiáticos para os papéis, deixando claro a supremacia branca e propagando uma imagem completamente estereotipada dos asiáticos, muitas vezes usados para ser o alívio cômico.

Muitos filmes utilizaram yellowface, como em *A Terra dos Deuses* (1937), no qual todos os personagens principais eram brancos atuando como chineses, segundo o diretor do filme, se ele contratasse descendentes de chineses o filme não teria sucesso. Na época existiam

regras que proibiam relação romântica interracial em filmes, e como o ator que atuava no papel principal era sempre branco, a escolha da atriz branca para o papel da heroína seria óbvia e não considerada um preconceito contra os chineses.

Ainda nesse mesmo caminho de filmes que praticavam yellowface como não fosse nada anormal, vemos Katherine Hepburn atuando em *A Estirpe do Dragão* (1944) como uma japonesa. E Marlon Brando como um Okinawano em *Casa de Chá do Luar de Agosto* (1956), tentando atuar falando o dialeto de Okinawa. Já no clássico *Bonequinha de Luxo* (1961), temos Mickey Rooney em uma aparência totalmente desrespeitosa, exatamente da maneira em que representavam os japoneses na forma mais preconceituosa e ofensiva, com os olhos bem puxados, óculos e os dentes grandes. Sem falar da atuação bem forçada e ridicularizando o sotaque.

Parece um absurdo que um dia usar artistas brancos se caracterizando com maquiagem e atuando de forma estereotipada da etnia alheia fosse considerado normal, mas *A Viagem* (2012) novamente, ao invés de contratarem asiáticos para atuarem em papéis de asiáticos, colocaram brancos e os “transformaram” em orientais.

WHITEWASHING

Whitewashing é o ato de escolher brancos para representar um personagem de outra etnia, colocando o branco como o herói em histórias que se passam em outros países, outras culturas. Muitos alegam que a escolha do branco para o papel principal é feita pela questão do mercado, mas será que os espectadores realmente não vão se interessar se a maioria do elenco não for composta por brancos?

Existem vários níveis de whitewashing, algumas são obras ocidentais, como o filme *Aloha, Sob o Mesmo Céu* (2015) em que a personagem tem uma descendência asiática e a atriz



Katherine Hepburn, *A Estirpe do Dragão* (1944).
Fonte: www.amazon.com

Katherine Hepburn. Fonte: www.glamour.com

Acesso em julho de 2018

que interpreta é branca. Algumas obras são baseadas em um acontecimento real, como *Quebrando a Banca* (2008). Na realidade um grupo de estudantes asiáticos-americanos do MIT começam a frequentar os casinos de Las Vegas todos os finais de semana, mas no filme a maior parte do elenco se torna branca. Segundo os produtores o problema é que não há garantia de lucrar com filmes em que o elenco, principalmente os personagens principais, não sejam brancos.

As adaptações de obras japonesas para filmes e séries de tv se tornaram mais frequentes nesses últimos anos, e obras famosas como *Dragon Ball* e *Death Note* acabaram sendo adaptados para live-actions nos Estados Unidos. Estas obras carregam muito da cultura asiática, mesmo *Dragon Ball*, que é um desenho bem fantasioso, tem muito das lendas asiáticas. Essas franquias não fazem só sucesso no Japão ou a Ásia, mas também são populares mundialmente. Mas nas adaptações americanas, eles tiram a descendência asiática dos personagens, mudam toda a essência da história e, na maioria das vezes, não são bem recebidos pelos fãs da franquia por questões óbvias.

A Vigilante do Amanhã: Ghost in the Shell (2017) é uma adaptação do mangá *Ghost in the Shell* de Masamune Shirow de 1989, que gerou uma enorme quantidade de séries, filmes, outros mangás, jogos. A versão americana é muito baseada na animação de 1995 do diretor Mamoru Oshii, e mostra a Motoko Kusanagi, uma humana ciborgue indagando o que é o ser humano no mundo futurista em que ela vive, onde a tecnologia faz parte até do corpo humano.

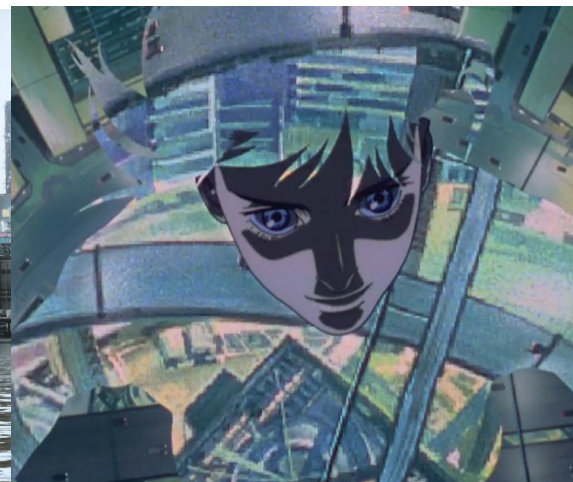
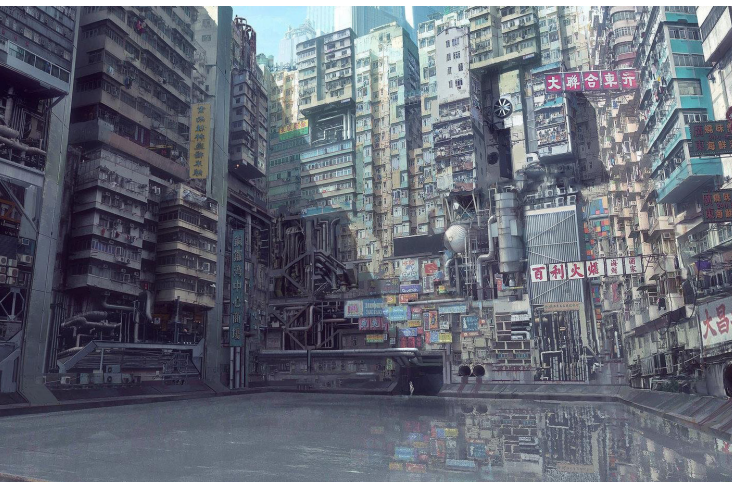
A adaptação de 2017 mostra várias cenas icônicas da animação de 1995, como quando a Motoko Kusanagi estava sendo criada como humana ciborgue, ou quando ela persegue um criminoso pelo mercado de rua todo apertado e depois luta em um ambiente completamente aberto, vazio e com um chão de espelho d'água. *A Vigilante do Amanhã* deixa toda a filosofia



Dragon Ball Evolution (2009). Fonte: www.yadayada.me

Dragon Ball Z (1989).
Fonte: www.tumblr.com

Acesso em julho de 2018



Ghost in the Shell (1995).
Fonte: www.reddit.com

Ghost in The Shell (2017).
Fonte: www.foto-basa.com

Acesso em julho de 2018

e elementos complexos mais mastigados e simples em relação à animação de 1995, tirando a nuance que existia entre o bem e mal. Com essas mudanças, a adaptação americana perde todo o potencial que ele tinha para explorar. Scarlett Johansson foi escolhida como a protagonista Major Kusanagi, outros atores ocidentais ocuparam os papéis principais enquanto os asiáticos acabaram ocupando papéis de vilão ou extras. Estas escolhas de elenco causaram várias polêmicas e só aumentaram mais com o tempo.

Antes do lançamento da adaptação americana, o público já acusava o filme de whitewashing, pois este é uma adaptação de um anime que se passa no leste asiático, a cidade lembra hong kong e a protagonista tem nome japonês. E o argumento, igual a todos os outros tipos de adaptações ocidentais de anime e mangá, era que a Motoko Kusanagi não tem traços asiáticos. O olho é grande e azul, a pele é clara, obviamente ela seria branca. No entanto os mangás e animes são voltados para o público japonês e eles são um país bem etnicamente homogêneo. E por isso o estilo de ilustração dos mangás e animes não são feitos usando alguma etnia ou nacionalidade na maioria das vezes. Portanto, mesmo que o personagem tenha cabelo loiro, por exemplo, ele não é necessariamente branco.

Outro argumento clichê é “Mas tal live action feito pelos japoneses de tal mangá só tem japoneses nos papéis europeus e ninguém reclama”. No entanto muitas vezes é esquecido o fato de que tanto a obra original como o filme baseado nela são criadas por japoneses para o público do Japão, as pessoas etnicamente japonesas, diferente de Hollywood, que produz filmes no nível global, ou seja, todas as etnias e nacionalidades. Mesmo que fosse apenas para o seu próprio país, o Estados Unidos não é etnicamente homogêneo e por isso ele não deveria ter o homem branco como padrão.

A situação do filme só piorou quando afirmaram que houveram tentativas de deixar o rosto da atriz Scarlett Johansson mais oriental, sendo que antes foi usado como argumento da escolha da atriz branca o fato de que a Major não seria oriental.

Tudo ficou ainda mais confuso quando o filme debutou. A Major do filme americano tem o nome de Miria Killian e ela passa o filme todo tentando descobrir mais do seu passado. E sim, ela era uma humana japonesa chamada Motoko Kusanagi que foi raptada e que teve o se “ghost”, a alma dela, colocada em um ciborgue. Fica claro que os produtores tentam usar essa explicação que não existe nas obras originais como uma maneira de justificar a escolha da atriz caucasiana.

Motoko Kusanagi, *Ghost in the Shell (1995)*. Fonte: www.frasesdelapelicula.com

Major Kusanagi, *Ghost in The Shell (2017)*. Fonte: www.imdb.com

Acesso em julho de 2018

No Brasil, um país tão miscigenado, também tem casos de whitewashing. Em 2016, passou na televisão brasileira a novela Sol Nascente da rede Globo. A trama é o início de uma paixão de dois amigos de infância de origens bem diferentes. O homem vem de uma família italiana e a mulher é de uma família japonesa. Então imaginamos que finalmente uma asiática teria um papel tão grande em uma novela brasileira, mas não. A atriz que interpretou essa mulher é a Giovanna Antonelli, e segundo a trama, ela não é asiática por ter sido adotada.



Ken Kaneko. Fonte: www.folha.uol.com.br

Luís Melo. Fonte: www.tvefamosos.uol.com.br

Acesso em julho de 2018



Família Tanaka, *Sol Nascente* (2016). Fonte: www.veja.abril.com.br

Giovanna Antonelli, *Sol Nascente* (2016). Fonte: www.gshow.globo.com

Giovanna Antonelli e Luís Melo, *Sol Nascente* (2016). Fonte: www.tvefamosos.uol.com.br

Acesso em julho de 2018

O pai dessa protagonista, o imigrante japonês Tanaka, é interpretado pelo ator Luís Melo, que não tem nenhuma descendência oriental. O ator tenta minimizar o problema alegando que *“Se você percebe o que é arte, você vai entender, não precisa discutir, ter esse tipo de policiamento. Então quer dizer que o ator de Recife não pode fazer um personagem mineiro? Não é um problema que está na coisa, está nas próprias pessoas. Eles não estão querendo questionar absolutamente nada. Porque na verdade, se eles são realmente artistas, eles sabem o que é uma ficção”*. O argumento de Luís Melo pode ser bom, mas ele só poderia ser considerado uma verdade se todos os artistas, independente da etnia, tivessem a mesma chance de serem escalados para qualquer tipo de personagem, o que não chega nem perto da realidade. Quando foi que um artista asiático interpretou um caucasiano?

O mais estranho é saber que o ator japonês Ken Kaneko foi cotado para viver o imigrante Tanaka na novela, mas no final chamaram o ator branco Luís Melo. Reforçando a ideia de quererem apenas a cultura asiática, que é diferente, exótica, e que daria uma inovada na novela, mas os asiáticos em si não são bem-vindos. Todos os personagens principais continuam sendo brancos, e os personagens secundários orientais têm pouco espaço dentro da novela, sendo bem estereotipados.

A falta de conhecimento sobre a cultura asiática é bem evidente na representação da família Tanaka, que é composta de descendentes de japoneses vestindo kimono com muita frequência, ou no momento em que o “ohashi”, um utensílio como a colher e o garfo, é usada de enfeite de cabelo.

REFERÊNCIA

3.0 REFERÊNCIA

3.1 PLANETA TANGERINA E PATO LÓGICO

Durante a criação do livro, as maiores inspirações editoriais foram Planeta Tangerina e Pato Lógico, ambas editoras de origem portuguesa, que produzem livros principalmente para o público infantil, que usam de cores fortes e da simplificação das formas, tanto dos cenários e objetos quanto dos personagens, para tornar tudo mais marcante e criar identidades visuais únicas para cada livro.

Conforme o desenvolvimento de Amarelo Ácido foi acontecendo, o formato do livro foi se distanciando desse tipo de publicação voltada para o público infantil para se tornar um livro voltado para jovens adultos, já que esse público, que tem mais tempo de vida para perceber a existência dos preconceitos, se identificaria melhor com as situações da maneira como elas foram abordadas. Apesar de ter mudado o público alvo do livro, o produto final ainda possui várias características que o tornam similar ao conteúdo produzido por essas editoras, como a estilização das personagens, a identidade gráfica do livro, e a utilização de textos complementam as imagens.

Planeta Tangerina (@planetatangerina) e Pato Lógico (@pato_logico) na rede social Instagram.



3.2 LIVROS



AS MULHERES E OS HOMENS

As Mulheres e os Homens faz parte de uma série de quatro livros chamados de *Livros para o Amanhã*. Cada um dos volumes desta série toca um tema importante e, neste quarto volume, somos apresentados de forma divertida e inteligente a questão do gênero como variante do nível de importância das pessoas e como elas devem agir, e se destaca pela forma como, depois de bons anos de sua publicação, ainda nos identificamos com o que está escrito nesse livro. A ilustração deste livro é bem divertida e meio inimaginável. Ela é toda chapada e com uma paleta de cor pequena. Apenas o vermelho alaranjado, verde, preto e branco, a ilustradora se diverte alternando a cor da linha do desenho em vários momentos, e há atenção com os pequenos detalhes como as estampas e texturas.



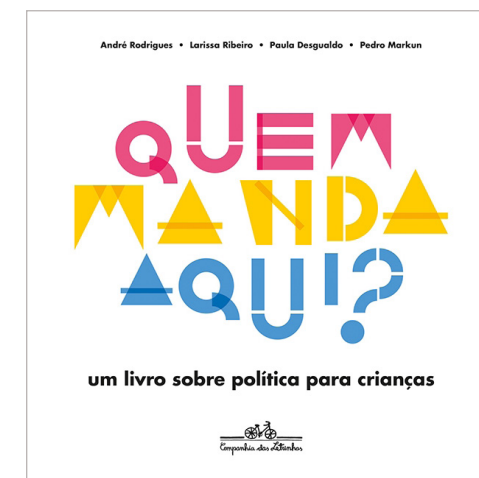
COISA DE MENINA

As meninas não precisam só escolher brincar de boneca, ou casinha. Elas podem escolher brincar do que quiser e este é o tema deste livro. Ele mostra para as crianças que elas não devem se prender à padrões de comportamento e gostos. Cada um tem as próprias vontades e tudo bem. Além de um texto bem simples e cheio de fofura, o livro é acompanhado por ilustrações em tons pastéis de meninas que não se importam de serem diferentes.



MUNDO CRUEL

Mundo Cruel é um livro infanto-juvenil desenvolvido por Ellen Duthie e ilustrado por Daniela Martagón. São 14 cartões para refletir sobre crueldades do cotidiano das crianças, com ilustrações das situações na frente e no verso pensamentos e perguntas para instigar o leitor a desenvolver o pensamento crítico e a elaborar seus próprios argumentos. O livro encoraja o leitor a criar suas próprias cenas do *Mundo Cruel*, disponibilizando três cartões em branco para a ilustração e o verso com os espaços para as reflexões do tema abordado.



QUEM MANDA AQUI?

Este livro é o resultado de um projeto de oficinas com crianças em que discutiam sobre a política em suas diversas formas de controle e poder, abrindo espaço para as crianças e os adultos refletirem sobre as formas de governar e tomar decisões de maneira descontraída. O livro tem todo o cuidado com o texto cheio das rimas e a ilustração que lembra recorte e colagem de formas simples geométricas e com uma paleta de cores vibrantes.



HISTÓRIAS DE NINAR PARA GAROTAS REBELDES

São 100 histórias de vida de mulheres independentes e incríveis, com ilustrações de 60 mulheres talentosas do mundo inteiro. Com o texto narrativo, no estilo conto de fadas, histórias de mulheres valentes são contadas para inspirar todas as crianças.

Este livro acaba com todos os estereótipos da mulher frágil, indefesa que apenas espera pelo príncipe encantado para salvá-la.



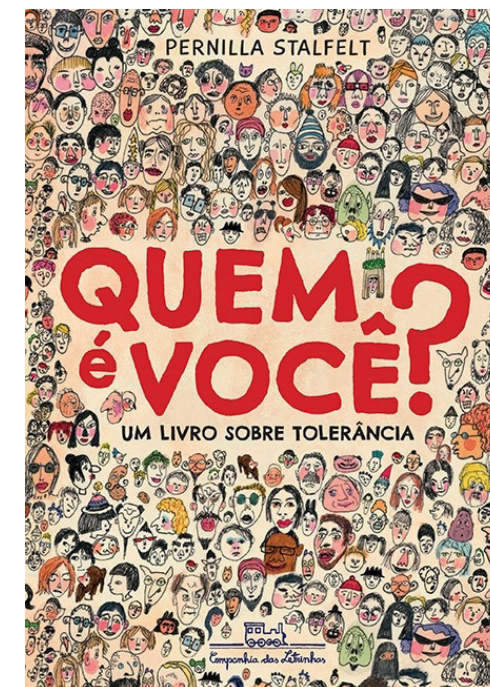
O CHINÊS AMERICANO

Gene Luen Yang conta a história de Jin Wang, um menino descendente de chineses que vivia em um bairro chinês, a Chinatown. Um dia seus pais resolvem se mudar para outra região em que não existem tantos asiáticos como o antigo bairro. Yang mostra como Jin tenta se encaixar na nova escola, em que a maioria dos estudantes são ocidentais que têm uma imagem muito estereotipada e preconceituosa dos chineses por falta de um maior contato com a cultura.



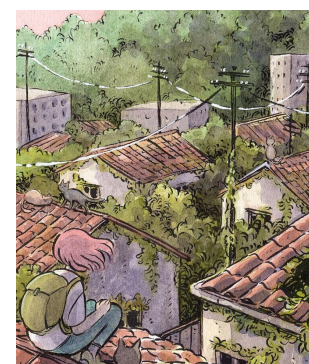
PODE PEGAR!

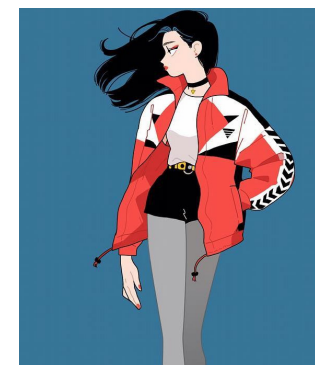
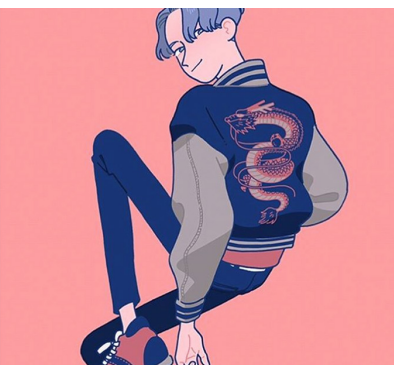
Uma história de dois coelhos que estão vestidos um com saia e sapatos de salto e o outro com calça, gravata e bota. Eles estão brincando juntos e começam a emprestar um para o outro as peças de roupa sem se importar o que é de "menino" ou o que é de "menina". O estereótipo de gênero é desconstruído pela história de forma sutil e divertida, com ilustrações delicadas e cheias de diferentes texturas.



QUEM É VOCÊ?

Pernilla Stalfelt utiliza a sua ilustração divertida com leve toque bizarro para exemplificar cada frase escrita ao longo do livro, algumas vezes de forma bem literal, deixando o livro que tenta discutir um tema tão sério da diferença entre as pessoas e a necessidade de tolerância bem mais leve e divertida.





Kirsten Sevig
(@kirstensevig)
na rede social Instagram.

CORES

A escolha do uso de composições monocromáticas nos quadrinhos do *Amarelo Ácido* que compõem o livro foi influenciada principalmente pelo trabalho de Kirsten Sevig (@kirstensevig), que se destaca pela maneira como ela usa a aquarela para criar várias ilustrações com uma mesma cor, criando variação pelo uso de diferentes tons.

Por outro lado, o trabalho de Chris Gerringer (@paperbeatsscissors) foi uma inspiração pela forma como sua escolha de cores valoriza seus personagens estilizados, o que realça ainda mais a beleza visual das formas simplificadas das suas ilustrações.

MODA

Se aprofundar na caracterização dos asiáticos das histórias contadas nos quadrinhos não era o foco, pois esse era mostrar as situações de preconceito

acontecendo independente do asiático envolvido nelas. No entanto, com a finalidade de criar uma personalidade implícita para cada um dos diferentes protagonistas, foi feito um trabalho de escolha das roupas de cada um, diferenciando seus estilos.

Além disso, o uso de um estilo de moda datado nas tendências atuais é usado para reforçar a presença dessas situações no presente, reafirmando a relevância do tema central do livro.

Artistas como Minivanvan (@van___van) desenham personagens famosos da cultura asiática, como personagens de anime ou dos filmes do Estúdio Ghibli em roupas mais contemporâneas, com o objetivo de inserir essas figuras de destaque na produção cultural asiática dentro do contexto atual, nos mostrando a maneira como esses personagens se destacam dentro da cultura pop.

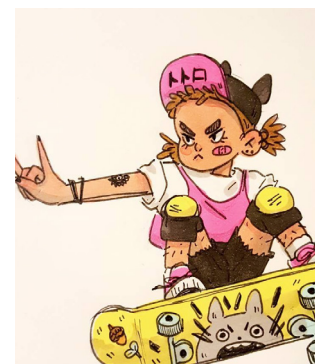
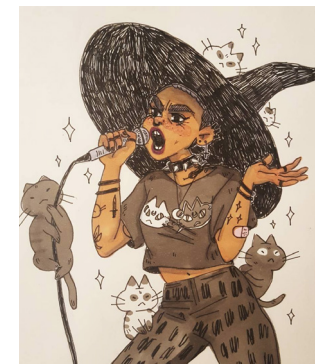
Esse é um dos exemplos do poder do uso da moda para adicionar um contexto temporal para os personagens.

Tomowaka (@tmwk24) e Kaiami (@kaiami), por outro lado, criam ilustrações que retratam personagens asiáticos originais deles. Esses artistas se destacam pela maneira como acompanham e representam tendências atuais da moda e da estética visual dessa região do mundo. Além disso, é importante também apontar que a estilização e simplificação da forma humana que podemos ver no trabalho de todos os artistas aqui citados também foi uma grande influência no desenvolvimento da identidade visual e design dos personagens presentes em *Amarelo Ácido*.



Tomowaka (@tmwk24) e
Kaiami (@kaiami) na rede
social Instagram.

Minivanvan
(@van___van)
na rede social Instagram.





QUADRINHOS

Dentro das diferentes opções de narrativa visual que podiam ser usadas no formato de livro, este projeto escolheu linguagem das histórias em quadrinhos, que foram complementadas com pequenos textos, que adicionam um maior contexto para as diferentes situações.

Entre as diferentes influências visuais usadas para o desenvolvimento da história podemos falar do trabalho de Benji Nate (@benjinate), que publica quadrinhos independentes num formato bem tradicional, mas que, diferente de *Amarelo Ácido*, se foca em narrativas mais longas.

Como o foco do livro era o de apresentar as situações de preconceito e demonstrar o efeito negativo que elas têm de maneira direta, foram pesquisadas influências que criam histórias mais curtas e fechadas, como Lucie Bryon (@heyluchie), Sarah Andersen (@sarahandersencomics), Gemma Corell (@gemmaorell), Fran Meneses (@frannerd) e Zoe Si (@zoesees). Todas essas ilustradoras trabalham se inspirando em situações do dia a dia para publicar quadrinhos breves, que normalmente tem de um a cinco painéis, com o objetivo de trabalhar com a empatia rapidamente, de forma parecida ao que se procurava fazer em *Amarelo Ácido*.

No entanto, diferente do trabalho das artistas citadas anteriormente, que se focam mais na comédia, a proposta de *Amarelo Ácido* foi, desde o início, ter uma postura mais séria devido à escolha de tema abordado. Por isso, devemos apontar que o trabalho de Monge Han (@mongehan) foi outra das influências importantes no processo, já que esse artista trabalha com temas similares, e usa de uma postura mais séria.



Zoe Si (@zoesees) e Sarah Andersen (@sarahandersencomics) na rede social Instagram.



Lucie Bryon (@heyluchie), Fran Meneses (@frannerd), Benji Nate (@benjinate) e Gemma Corell (@gemmaorell) na rede social Instagram.

DESENVOLVIMENTO

4.0 DESENVOLVIMENTO

4.1 REQUISITOS

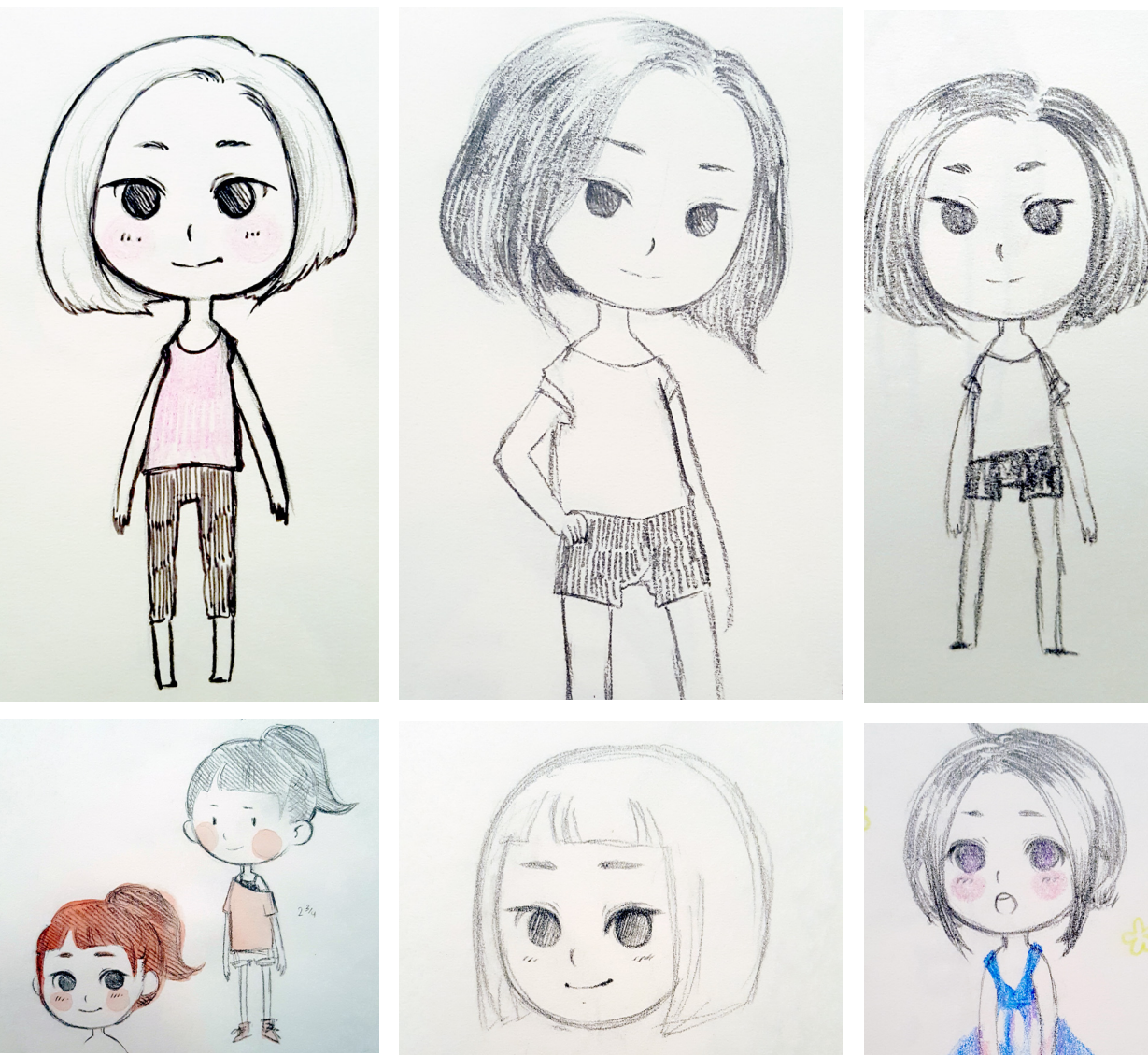
Os requisitos definidos como diretrizes do projeto Amarelo Ácido podem ser divididos em duas categorias, as *imprescindíveis* e as *desejáveis*.

Imprescindíveis

- que o projeto apresente as situações de preconceito de maneira simples e direta;
- que as ilustrações esclareça como o preconceito é negativo para os descendentes de asiáticos;
- que os preconceitos sejam abordados de forma leve, sem perder a importância do tema;
- não vitimizar os descendentes de asiáticos;

Desejáveis

- que os quadrinhos sejam o mais auto explicativos possível;
- que o livro, apesar de ter o público alvo definido, interesse outros públicos também;
- que a impressão do livro não fosse custosa.



Estudos variando o estilo do traço.

4.2 PRIMEIRAS IDÉIAS

Desde o início do TCC1, a idéia do projeto era a criação de um livro ilustrado que apresentasse as situações de preconceito do cotidiano de um descendente de asiático no ocidente. A princípio, o público alvo do livro seria infantil e consequentemente a escolha de tentar passar a história através de imagens e sem textos complicados se tornou um requisito.

Os primeiros experimentos focaram na escolha do estilo da ilustração. Começando pelo estilo mangá, o mais familiar para mim, e então a partir desta, criou-se variações de estilos em que o traço se transformava. Uma dessas variações fugiu bastante do estilo mangá, com um traço bem mais simplificado, que se aproximava mais do estilo cartoon.

Apesar do desejo de manter os olhos grandes que transmitem mais a expressão dos personagens, não optar pelo estilo de ilustração tão "oriental" alcançaria os grupos que não se interessam tanto pelo estilo de traço mangá.



Com o estilo do traço definido, iniciou-se os testes de como as cenas seriam contadas. Teste das situações.

No primeiro momento, o teste foi da situação na rua, em que pessoas desconhecidas provocam o personagem asiático. Cena representada nos dois quadros menores e no quadro maior da esquerda mostra como o personagem asiático se sente deslocado em relação aos ocidentais.

Os testes seguintes tiveram como objetivo encontrar a maneira de como o texto se comportaria junto à ilustração. Alguns com apenas as situações representadas em dois quadros e outras tentando manter o estilo do primeiro teste de três quadros. Nesta etapa, percebe-se a necessidade de um maior planejamento no espaçamento dos quadros



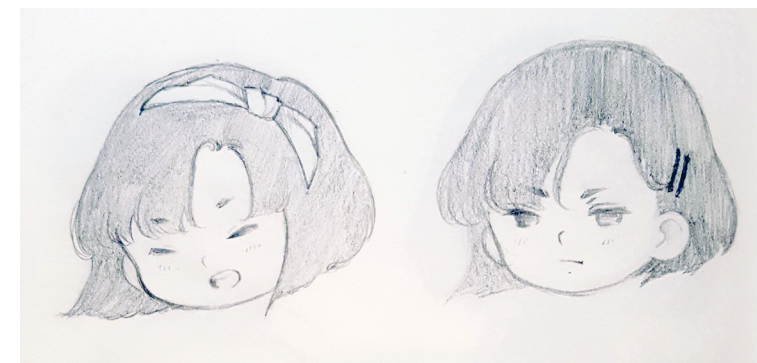
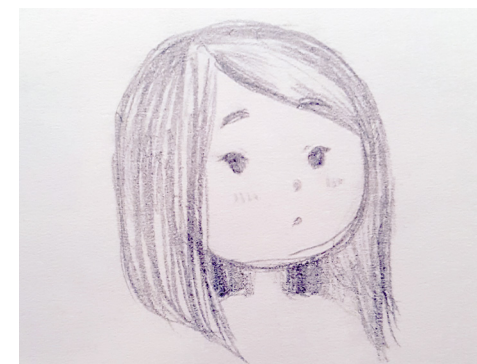
Testes de espaçamento dos quadros.

Testes com os diálogos fora e dentro do quadro.

para que o leitor saiba intuitivamente a ordem dos quadros. E também a escolha das composições monocromáticas se tornou uma alternativa interessante.

Com o passar dos experimentos, percebe-se que a linguagem utilizada não combinava mais com o público alvo infantil escolhido inicialmente e sim com os jovens, principalmente com os que estão cada vez mais engajados nas militâncias na atualidade.

Reverendo as motivações para a escolha do projeto de poder contribuir para o movimento de alguma forma, foi decidido mudar o público alvo para os jovens adultos.



Testes das novas mudanças de traço.

4.3 PERSONAGENS

Uma das consequências das escolhas feitas na etapa do TCC1 foi a falta de um protagonista, que era indesejável até o momento, para que o livro fosse mais focado nas situações de preconceito que ocorrem independente do perfil do descendente de asiático. No entanto, um livro só com personagens aleatórios em cada quadrinho se tornaria desconexo e talvez o leitor não sentiria tanta ligação com o livro no geral. Após refletir sobre o problema, a solução foi criar personagens descendentes de asiáticos que apareceriam nos quadrinhos em vários momentos. Com essa decisão, foi necessário repensar no estilo do desenho utilizado até o momento. Pois os personagens não seriam apresentados em nenhuma ocasião na história em forma de texto e por isso a personalidade precisaria ser transmitida através das características e visual do personagem.

O traço cartoon precisou sofrer novas mudanças para que pudesse dar mais personalidade aos personagens, o traço foi uma combinação do estilo mangá usado nos primeiros testes,



Protagonistas do
Amarelo Ácido:
A, B, C e D.

tentando manter características do estilo mais cartoon escolhido anteriormente. As proporções do corpo foram mantidas, apesar da espessura dos braços e das pernas terem ganhado medidas um pouco mais realistas. O olho do personagem, por exemplo, continuou menor quando comparado aos primeiros teste no estilo mangá em que os personagens tinham olhos enormes.

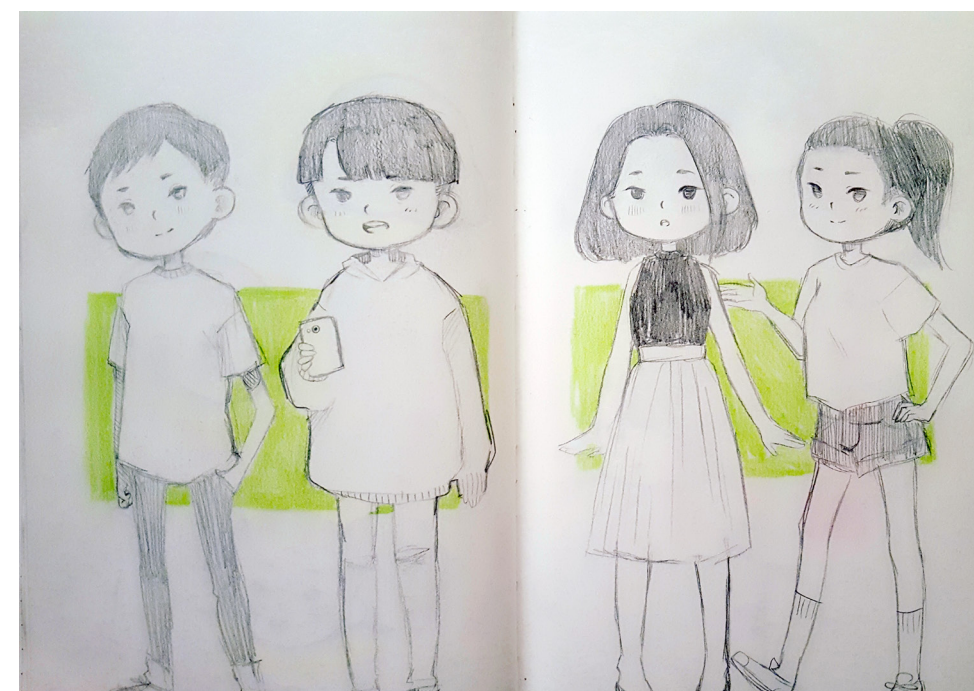
Levando em consideração esta nova estilização, foi produzido quatro protagonistas, duas meninas e dois meninos, que apareceriam nas histórias, e por essa razão receberam um pequeno perfil de qualidades e gostos. Em nenhum momento a ideia foi se aprofundar nos personagens nos quadrinhos, dessa forma nenhum dos personagens tem nome, eles são identificados por A, B, C e D.

A *personagem A* é introvertida, calma. Ela é mestiça e tem bastante interesse na cultura asiática. O estilo de vestimenta favorito são as delicadas, mesmo quando o look é mais casual, terá algum detalhe ou babado.

O *personagem B* é extrovertido, esportista e apesar de não se interessar muito pelas tradições da cultura asiática, gosta muito dos desenhos japoneses. Seu estilo de roupa não



Estudo dos protagonistas do Amarelo Ácido.



é bem definido, mas existe a preferência por roupas práticas e esportivas.

A *personagem C* é extrovertida, energética. Gosta muito da cultura coreana, como as novelas e as músicas pop. Influenciada pela moda atual do estilo urbano-esportivo, bem popular na coreia também.

O *personagem D* é introvertido, muito tímido e quieto. Ele está completamente imerso na cultura asiática, adora os desenhos japoneses e a música pop coreana e japonesa. Seu estilo varia entre urbano-esportivo com as camisas formais.



Materiais utilizados para
 as ilustrações do livro
Amarelo Ácido.

4.4 ARTE

A escolha de usar ilustrações tradicionais para o projeto foi pelo desejo de testar mais as técnicas de aquarela e também trabalhar com as diferentes texturas que a aquarela e o papel podem oferecer. Assim como foi dito anteriormente, os quadrinhos seriam monocromáticos e as cores escolhidas foram: o azul, o verde, o vermelho e o amarelo que fazem parte da identidade do livro.

O lápis de cor foi utilizado como complemento para sombrear, deixar a pele mais saturada e para alguns detalhes menores, junto com a caneta gel branca, usada para marcar os pontos de brilho nas ilustrações.

Para a criação das ilustrações foi usado caneta nanquim preta de várias espessuras para o contorno, principalmente 0.03mm, 0.05mm e 0.1mm. A escolha da caneta é interessante para manter a linha bem uniforme com praticidade. Para a melhor representação das distâncias entre os personagens e ou objetos, utilizar as canetas com espessura maiores

como 0.3mm e 0.5mm davam o efeito desejado de maior proximidade do primeiro plano que o segundo plano.

Trabalhar com a aquarela foi bem agradável, a possibilidade controlar a uniformidade da pintura em partes e em outras criar texturas com as manchas da aquarela tornou as ilustrações mais interessantes. A aquarela também permite a grande variação da tonalidade mudando a concentração, deixando a cor bem suave ou bem saturada ao variar a quantidade de água utilizada.

Os quadrinhos da cor azul utilizam as cores *Cobalt Blue Hue*, *Prussian Blue* e *Ivory Black*. Esta cor foi escolhida para os quadrinhos em que os personagens tem a reação meio de tristeza e chateação ao passarem pela situação.

Os quadrinhos da cor verde utilizam as cores *Yellow Green*, *Viridian Hue* e *Ivory Black*. Esta cor foi escolhida para representar as cenas em que os personagens sentem indignação e desapontamento.

Os quadrinhos da cor vermelha utilizam as cores *Vermilion Hue*, *Crimson Lake* e *Ivory Black*. Esta cor foi aplicada nas situações em que o principal sentimento do personagem é a raiva.

E o quadrinho da cor amarela utilizou as cores *Lemon Yellow*, *Permanent Yellow Deep* e *Light Red*. Esta cena conversa diretamente com a capa do livro e por isso foi escolhida da cor amarela, que faz parte da identidade do livro.

Todas as partes em grayscale dos quadrinhos são pintados com a tinta nanquim diluída com água, criando as diferentes variações de cinza. A escolha de pintar os personagens desaturados foi a maneira de demonstrar como os descendentes de asiáticos se sentem deslocados e ou sem individualidade quando vivenciam o preconceito. Eles “perdem a cor” no momento que perdem sua individualidade.

4.5 QUADRINHOS

Após vários experimentos na etapa de desenvolvimento do traço, percebeu-se a importância do espaçamento dos quadros para uma maior fluidez na narrativa. Outra escolha importante foi posicionar os diálogos dentro do quadro, pois nos testes eles ficavam fora do quadro, obrigando um maior espaçamento entre os quadros na horizontal. O layout base dos quadrinhos foi de 4 quadros posicionados em 2 x 2, formando um grande quadrado de 12 x 12 cm com uma margem de 1 cm. No total as páginas são de 14 x 14 cm. A configuração do espaçamento dos quadrinhos foi definido em quadros de 5,8 cm de largura



Monge Han
Criança Amarela (2017)

Angélica e Paula
Fernandes no programa
Estrelas. Fonte: www.globoplay.globo.com

Angélica e Yanna Lavigne
no programa Estrelas
em 2016, vestida de
"gueixas". Fonte: www.gshow.globo.com

Acesso em julho de 2018



Guilherme Clezar na Copa
Davis em 2017. Fonte:
www.veja.abril.com.br

Equipe da revista
Glamour em 2016. Fonte:
www.ipc.digital

Jacqueline Sato,
Giovanna Antonelli
e Carol Nakamura
no lançamento da
novela Sol Nascente
em 2016. Fonte: www.arevistadamulher.com.br

Miley Cyrus e amigos
em 2009. Fonte: www.telegraph.co.uk

Acesso em julho de 2018.

e 5,7 cm de altura com o espaçamento entre as colunas de 0,4 cm e entre linhas de 0,6 cm. Sendo possível juntar os quadros da mesma linha em um quadro maior de 12 cm de largura e 5,7 cm de altura, conforme a necessidade da narrativa.

Após a escolha do layout, foi listado em tópicos várias situações que ocorrem com frequência com os descendentes de asiáticos no Brasil com base em pesquisas, notícias, compartilhamento de experiências nas comunidades de militância asiática nas redes sociais e experiências de conhecidos.

Dentre elas foram selecionadas as dez situações que qualquer descendente de asiático poderá se identificar, pois são casos que acontecem com certa frequência.

Os primeiros escolhidos foram sobre temas citados anteriormente, o whitewashing e o estereótipo do asiático inteligente. Depois, o apelido "japa", as perguntas sobre o idioma asiático, o parentesco entre asiáticos que não tem ligação alguma e as "piadas" e "brincadeiras" comuns como imitar o sotaque asiático ou falar frases desconexas.

No vídeo "Coisas que asiáticos brasileiros sempre ouve " do YO BAN BOO fica evidente como essas situações acontecem com frequência, e para provar o quão desagradável são essas "perguntas curiosas", um outro vídeo, "Se o asiático brasileiros fizessem perguntas que fazem pra eles", inverte a situação que o brasileiro asiático passa, tratando vários ocidentais como imigrantes também.

Em 25 de novembro de 2017, a Globo fez uma matéria sobre o bairro da Liberdade de São Paulo no programa Estrelas. O programa já inicia com a apresentadora Angélica e a cantora

Paula Fernandes "imitando" o sotaque de japones falando português. Elas apresentam o bairro como se fosse outro país, entrevistando descendentes de japoneses perguntando coisas como "O que é o melhor de morar em São Paulo? ", como se essas pessoas tivessem emigrado do Japão. Além disso insistem em chamar uma das entrevistadas por um nome asiático, mesmo quando ela pede para usarem o nome brasileiro "Maria". Em outro momento, elas visitam uma loja de kimono e yukata (vestimentas japonesas tradicionais) e, depois de escolher um yukata, Angélica pede para deixarem a cantora "bem japonesa". Depois de trocadas, elas voltam com a "brincadeira" do sotaque e se apresentam como "Angerica e Paura Fernandes".

Puxar os olhos para se referir ao asiático foi outro tema escolhido, no Brasil pode ser visto como brincadeira para os ocidentais, tanto que no lançamento da novela Sol Nascente a atriz Giovanna Antonelli aparece "imitando" os olhos japoneses em uma foto. Porém, este gesto é discriminatório e existem vários casos em que famosos receberam críticas por esse tipo de atitude. Por exemplo, a revista Glamour, em novembro de 2016, postou uma foto no instagram com a equipe da revista puxando os olhos e fazendo reverências para comemorar a estréia da revista no Japão, e só após a postagem repercutir num nível internacional, a revista resolveu apagar o post e pedir desculpas. Outro exemplo foi o caso no qual o tenista brasileiro Guilherme Clezar recebeu uma multa por puxar os olhos para criticar decisão do juiz numa partida Brasil contra Japão na Copa Davis em setembro de 2017.

A culinária asiática foi definida como tema não apenas pelo fato dela sofrer com a apropriação cultural, que generaliza e deturpa várias culinárias ricas de cultura da Ásia,



Ing Lee
Not your anime girl (2017)

Ing Lee
"Gueixas não são a sua fantasia exótica orientalista. Mulheres leste-asiáticas não são o seu souvenir, boneca kokeshi, gueixinha, personagem de anime ambulante, nem opção exótica do buffet humano. Nossa cultura não é de sua propriedade e direito, não é mercadoria nem fetiche." na rede social facebook (2018)

Lindsay Woods no vídeo
"Experimentando doces estranhos do Japão" no Youtube. Fonte: www.youtube.be/qgydnGn4TH4

Felipe Neto no vídeo
"Provando comidas asiáticas [+13]" no Youtube. Fontes: www.youtube.be/_npkowEYy0c

Acesso em julho de 2018



EXPERIMENTANDO DOCES ESTRANHOS DO JAPÃO 🇯🇵
368.566 visualizações 19 MIL 1,1 MIL COMPARTILHAR



PROVANDO COMIDAS ASIÁTICAS [+13]
4.387.515 visualizações 395 MIL 5,1 MIL COMPARTILHAR

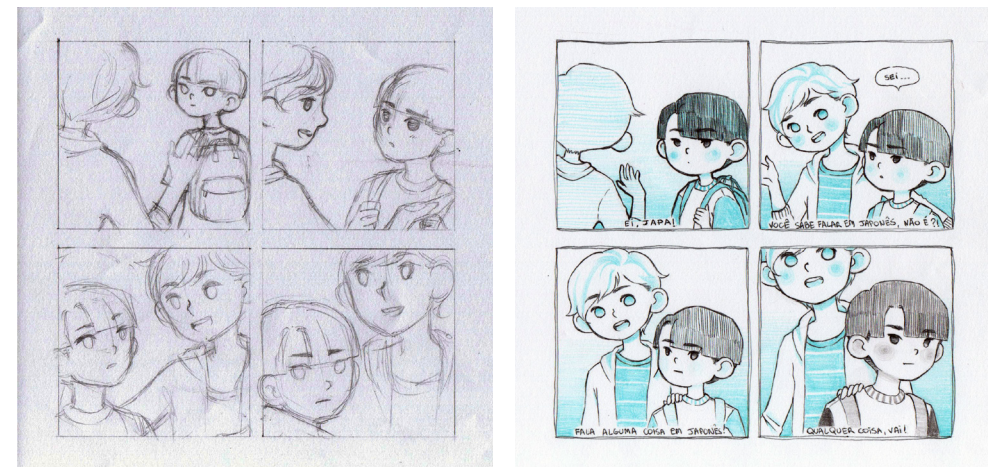
mas também pelo fato desta parte da cultura se tornar tema para vídeos bem populares entre criadores de conteúdo no Youtube, que denominam diferentes pratos de origem asiática como estranhos, exóticos e bizarros. Na maioria desses vídeos, eles dizem como essas comidas são nojentas, fedidas e que não parecem "comida de gente".

Outro tema muito importante é a imagem do corpo asiático. Tipicamente, as mulheres são fetichizadas como "kawaii" (significa fofo(a) em japonês, palavra muito utilizada até na cultura pop), inocentes, quietas, frágeis e submissas, ou como misteriosas, exóticas e sexy. A postagem no facebook com a ilustração de Ing Lee explica de forma direta o problema. Os homens asiáticos por outro lado, na maioria das vezes possuem um físico bem diferente dos padrões de beleza ocidentais, tornando-os pouco "masculinos" e indesejáveis de acordo com conceitos de padrão de beleza do ocidente. Consequentemente, o homem asiático, além de não se encaixar nesse padrão, pode ter a autoestima afetada pela falta de referências de homens asiáticos galãs no ocidente. Atualmente, com a popularização do k-pop, a música pop coreana, os conceitos de beleza e masculinidade asiática tem mudado a visão das pessoas que consomem essa cultura, mas isso levou ao surgimento da fetichização dos ídolos coreanos.

Definida as dez situações, iniciou-se o desenvolvimento dos quadrinhos. Primeiro, foi necessário um planejamento de quais personagens apareceriam em cada cena, já que os quatro protagonistas têm a mesma importância e deveriam aparecer a mesma quantidade de vezes no livro. Em seguida foi escolhido a cor de cada quadrinho levando em consideração as reações dos personagens em relação ao preconceito. Tendo todos as diretrizes definidas, começou a etapa de experimentação de cada cena dos quadrinhos.

O método utilizado para criar os quadrinhos foi começar por rascunhos rápidos imaginando como a cena aconteceria, e depois fazer uma versão mais detalhada a lápis no tamanho real de 12 x 12 cm.

Nesta cena em que o ocidental pede para o *protagonista D* falar alguma coisa em japonês, ao testar as ilustrações no tamanho real, o quadrinho ficou muito monótono e então foi feito um estudo dos personagens, imaginando a posição e as expressões faciais.



Primeiro teste com o estilo novo.

Segundo teste em que o quadrinho ficou muito monótono.

Estudos dos personagens.



Teste com a quarela e nanquim.



Versão final do quadrinho.

No terceiro teste, foi feito um rascunho se baseando nos estudos dos personagens anterior e então foi refeita esta ilustração em um papel de gramatura maior para poder provar como a ilustração ficaria com as cores. Com esse experimento, a opção do fundo do último quadro perder a cor como o protagonista não funcionou muito bem e assim esta ideia foi descartada. E a linha dupla que formava os quadros foi simplificado na versão final para apenas uma linha.

Os diálogos dos personagens foi organizado de forma que as falas dos ocidentais aparecem na forma de legenda no canto inferior do quadro e as falas dos protagonistas aparecem no balão. Esta escolha foi feita para que os diálogos não ocupassem muito espaço dentro do quadro e não houvesse confusão entre as falas dos personagens.



Rascunhos de outras situações.

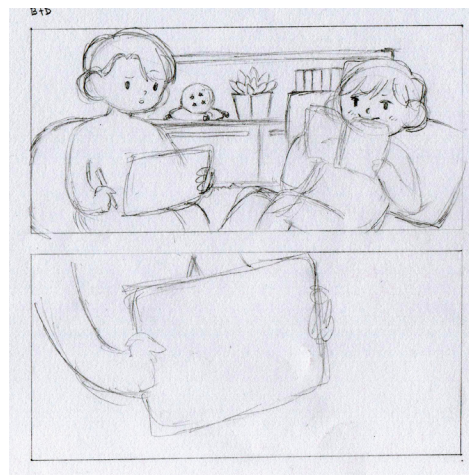


4.6 TÍTULO

A escolha do título do livro foi uma das últimas decisões feitas. Apesar do tema central escolhido ser bastante sério, o uso de um título muito formal não combinaria com a postura mais descontraída que se procurava na realização do projeto. Com isso em mente, procurou-se diferentes opções que se encaixassem bem com a proposta.

O primeiro dos títulos considerados foi simplesmente "Japas", que surgiu durante a realização da ilustração da capa do livro. Essa opção foi descartada por ser genérica, e por não refletir tão bem o conteúdo do livro, mas foi mantida na ilustração da capa por funcionar bem nela. Outro título similar desconsiderado foi "Ei, japal". Apesar de ser menos genérico do que a ideia inicial, o uso do apelido "japa" no título parecia não ser adequado considerando o tema central abordado.

O título que chegou mais próximo de ser usado antes da escolha final foi "Diário Amarelo", que se referia bem à maneira como o livro foca em situações recorrentes no dia a dia dos asiáticos no Brasil, visto que o termo "amarelo" se refere a essa porção da população do país. Apesar de se encaixar relativamente bem dentro do assunto discutido no livro, o título ainda não refletia a sensação negativa trazida pelo preconceito retratado nas situações presentes na obra, e, por isso, a procura por uma opção ainda melhor continuou. Chegou-se então ao título "Amarelo Ácido", que aproveitava parte do título anterior, e adicionava o termo "ácido", que melhor se encaixava na temática de preconceito contra os asiáticos no Brasil presente no livro, visto que essa palavra reflete bem a sensação negativa causada por essas situações constantes pelas quais passam essa parte da população brasileira.



Rascunhos de outras situações.

4.7 TIPOGRAFIA

No TCC1, todos os diálogos nos testes de quadrinhos foram escritos à mão e, até certo ponto do projeto, esta era uma das opções. No entanto, por serem ilustrações tradicionais e diferentes de algum dos testes que o diálogo ficava abaixo do quadro correspondente, a melhor opção foi a escolha de uma tipografia própria para quadrinhos que combinasse com o estilo das ilustrações.

Apesar da grande variedade de fontes para diálogos em quadrinhos, uma das maiores dificuldades foi encontrar tipografias pensadas para a língua portuguesa, já que a maioria não possui as acentuações. Por fim, a tipografia escolhida que mais se aproximava da escrita à mão dos testes foi a *Action Man Bold*, que combina com a arte dos quadrinhos e mesmo com o tamanho 8pt, não há problemas de legibilidade.

Para o título do livro a tipografia que mais agradou foi a *Antonio Bold*, por ser condensada, alongada e ter linhas bem retas com curvas leves. O peso da fonte combina bem com a ilustração em grayscale da capa e contrasta bem com o fundo amarelo.

Por fim, a fonte muito utilizada no TCC1 para títulos no relatório e na apresentação, a *Amatic SC* foi utilizada nas frases que acompanham cada quadrinho. Esta fonte também é condensada e alongada, mas sua linha é fina e irregular como fosse escrita à mão. Combinando para as frases que, apesar do tema sério, são explicações com um tom menos formal.

ACTION MAN

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
0123456789

ANTONIO BOLD

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
0123456789

ACTION MAN BOLD

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
0123456789

AMATIC SC

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
0123456789

4.8 CAPA

Como um dos principais objetivos do livro era ser o mais auto explicativo possível através das ilustrações, a capa que foi feita digitalmente em grayscale. Esta ilustração reflete o que acontece no final dos quadrinhos. Dado que é uma ilustração de um pote em que os quatro protagonistas do Amarelo Ácido são colocados e rotulados como um genérico "japa", mostrando a maneira como os asiáticos são estereotipados ou excluídos do grupo nas histórias (sendo colocados nesse pote), e acabam perdendo a sua individualidade, representada pela falta de cor.



TESTE COM O USUÁRIO

5.0 TESTE COM O USUÁRIO

A pesquisa com o usuário aconteceu por meio de três etapas. Na primeira delas, os participantes deveriam responder algumas perguntas com informações pessoais, para que pudesse ser formado um perfil básico. As informações pedidas eram a idade, o gênero e se a pessoa era ou não de ascendência asiática, especificando no caso de uma resposta positiva de qual ascendência o usuário vinha. Também foi perguntado nesta primeira etapa qual era a relação daquele indivíduo com a militância asiática através de uma pergunta de múltipla escolha, na qual o usuário poderia escolher seu nível de interesse nessa causa.

Na segunda etapa, específica para os usuários que eram de ascendência asiática, foram feitas três perguntas dissertativas, que tinham como objetivo obter diferentes perspectivas individuais relacionadas com tema central do livro. As perguntas feitas foram: “Em que momento você percebeu que não era igual aos caucasianos?”, “Como se sente em relação à representatividade asiática no Brasil?” e “Quais são as situações de preconceito por ser asiático que mais te incomodam?”.

A terceira etapa, que foi efetuada para todos os usuários que participaram, foi um feedback direto sobre o conteúdo do livro através de mais perguntas dissertativas. As perguntas foram “Após a leitura, qual a sua impressão do livro?”, “Você acredita que o livro pode ajudar a mudar a perspectiva dos leitores sobre o tema abordado?” e “Alguma consideração final? Gostaria que algo fosse diferente no livro?”. O uso dessas perguntas dissertativas garante ao usuário uma maior liberdade na expressão da sua relação com o livro, o que contribuiu para o enriquecimento da pesquisa e para as melhorias no produto final, que serão mencionadas mais adiante.

5.1 ESTATÍSTICAS

GÊNERO	31 USUÁRIOS
FEMININO	13
MASCULINO	18

IDADE	31 USUÁRIOS
20 - 29	13
30-39	13
40-49	3
50-59	2

INTERESSE NA MILITÂNCIA ASIÁTICA	31 USUÁRIOS
NADA OU NEM CONHECIA	11
POUCO	4
MÉDIO	11
ALTO	4
DEPENDENTE	1

ASCENDÊNCIA ASIÁTICA	31 USUÁRIOS
SIM	16
NÃO	15

ASCENDÊNCIA ASIÁTICA	31 USUÁRIOS
JAPONESA	13
JAPONESA UCHINACHU	2
TAIWANESA	1

NADA OU NEM CONHECIA	11 USUÁRIOS
20-29	1
30-39	5
40-49	3
50-59	2

5.2 POSICIONAMENTO DO USUÁRIO

Observando os resultados da pesquisa, podemos afirmar que a maioria dos usuários entrevistados, independente de terem ou não ascendência asiática, demonstraram um interesse e apoio pelas causas da militância asiática, e, de maneira geral, a maior parte dos usuários terminou o livro tendo uma impressão positiva sobre o seu formato e o conteúdo abordado.

No entanto, dentre as críticas observadas, a maioria delas apontou que essa primeira versão do livro não deixava inteiramente clara a forma como a crítica estava sendo feita, já que, em seu formato original, o livro usava somente dos quadrinhos para expor as situações de preconceito, o que para esses usuários não era o suficiente.

Nesse primeiro momento, a escolha de estruturar o livro somente utilizando os quadrinhos, e deixando propositalmente a reação dos personagens asiáticos ambígua, tinha o objetivo de não generalizar a maneira como cada indivíduo reage a essas situações, visto que nem

todos os asiáticos vão se portar da mesma forma diante desses preconceitos.

Apesar dessa posição ideológica inicial, esse feedback dado pelos usuários levou a uma mudança no produto final, que possui, acompanhando cada quadrinho, uma pequena frase, que serve como um complemento para tornar mais clara a perspectiva asiática, ressaltando a maneira como essas situações que são consideradas inofensivas no dia a dia tem um impacto negativo.

Dentre as pessoas que possuíam ascendência asiática que participaram da pesquisa, todas responderam já ter passado por algumas das situações representadas, então é possível dizer que o livro foi um sucesso em escolher e retratar as situações do cotidiano bastante comuns na vida dos asiáticos no Brasil.

Outro aspecto observado nas respostas dos ascendentes asiáticos participantes é o fato de que a grande maioria deles responderam ter percebido que eram diferentes da etnia branca logo cedo, ainda durante a infância. Apenas algumas das respostas não se encaixam nesse padrão, afirmando ter tomado consciência disso mais tarde, no período dos vestibulares ou a ingressar na faculdade.

Quanto ao assunto da representatividade asiática no Brasil, podemos observar que os mais jovens parecem mais conscientes da falta desta na mídia brasileira, enquanto que os usuários de mais idade parecem não ser muito interessados no assunto, simplesmente respondendo, na maioria dos casos, que estão satisfeitos com a representatividade dessa etnia no país.

5.3 CONCLUSÃO DO TESTE

Os resultados do teste com o usuário foi bem positivo para que o projeto aprimorasse as falhas que o livro possui. A oportunidade de receber feedback de pessoas de perfis distintos refletiu nas futuras escolhas de alteração, uma vez que parte dos usuários entendiam a mensagem que o livro passava e o via como um livro direto ao ponto, também existe usuários que desejavam mais explicação por acharem o livro pouco objetivo.

AMARELO ÁCIDO

6.0 AMARELO ÁCIDO

6.1 ALTERAÇÕES

Conforme foram lidos os comentários e sugestões com relação ao conteúdo do livro, um dos fatores que mais chamou a atenção foi a de que algumas das pessoas que participaram da pesquisa realizada pareciam não entender o conteúdo de alguns dos quadrinhos, especialmente o que mostra um exemplo de whitewashing que aconteceu na adaptação cinematográfica americana baseada no mangá Dragon Ball. Algumas das pessoas, confundindo a situação, pensaram que esta seria um comentário negativo contra a prática de pessoas brancas fazerem cosplay, atividade na qual alguém se veste de um personagem da cultura pop, que muitas vezes é de origem asiática. Como essa nunca foi a intenção, mudanças tiveram que ser feitas para tornar o livro como um todo mais fácil de se entender.

Quanto à essa situação de whitewashing retratada, foi mudada a fala do personagem que estava mostrando a imagem dos artistas brancos retratando personagens asiáticos, de “Ahn não, olha isso”, que não especificava bem do que se tratava a situação, para “Ahn não, olha esse live action”, para deixar mais claro que a história estava falando do filme americano, bastante conhecido dentro da cultura pop por sua baixa qualidade, além do próprio whitewashing que aconteceu nele.

Como o objetivo principal do livro é o de gerar empatia para o público jovem de maneira geral, independente se eles conheciam ou não as causas da militância asiática, algumas mudanças foram feitas para o livro todo. Em um primeiro momento, foram criados pequenos títulos para cada situação, com o objetivo de deixar mais claro o preconceito que acontecia ali, mas de forma menos direta. No entanto, após considerar um pouco mais, foi decidido expandir esses títulos para frases mais longas, que fossem mais eficientes e didáticas ao explicar o preconceito, e como esse pode afetar negativamente a vida das pessoas que tem que conviver com ele constantemente

6.2 LIVRO IMPRESSO

O *Amarelo Ácido* precisou de alguns ajustes no momento da impressão também. O formato idealizado era de 14 x 14 cm e a gráfica escolhida, apesar de aceitar largura mínima de 9 cm nas impressões a altura mínima era de 14,8 cm. Por isso a solução foi ter a margem dos quadrinhos com 8 mm à mais sem alterar o tamanho original das ilustrações de 12 x 12 cm. O livro impresso final com encadernação tipo canoa tem o formato de 14,8 x 14,8 cm, a capa de papel couché 300g/m² com acabamento fosco e o miolo, 22 páginas de papel couché 150g/m².

Infelizmente a impressão deixou o livro com as cores mais escuras, a capa que tem uma ilustração digital em grayscale em um fundo amarelo quase não sofreu alteração. Mas os quadrinhos que são ilustrações tradicionais em aquarela, além de escuras, ficaram com tons mais opacos e acentuou demais a textura do papel utilizado para as ilustrações.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

7.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oportunidade de poder desenvolver o livro ilustrado *Amarelo Ácido* para o Trabalho de Conclusão de Curso foi uma experiência muito enriquecedora e gratificante. Trabalhar com o tema dos preconceitos sofrido por asiáticos brasileiros na atualidade, me fez entender o histórico da relação entre o brasileiro e o brasileiro asiático ao longo dos anos. Criar ilustrações a partir de técnicas tradicionais, foi um grande desafio, pois estava mais acostumada a trabalhar com ilustrações digitais em que a qualquer momento é possível voltar atrás, editar e apagar. E apesar das limitações do tracional, trabalhar com aquarela, lápis de cor e nanquim foi extremamente prazeroso, principalmente nos momentos de criar as diferentes tonalidades para o quadrinho e de pintar os pequenos detalhes, texturas e estampas.

A pesquisa com o usuário foi o momento em que tive que entender que, se o maior objetivo do livro era criar uma conexão do leitor descendente de asiático com os protagonistas do *Amarelo Ácido* e gerar empatia dos leitores ocidentais, era importante ceder do desejo inicial de um livro ilustrado que passasse toda mensagem só pela ilustração. Visto que os leitores ocidentais não terão empatia se nem ao menos entenderem qual o preconceito da situação.

Considero todo o processo deste projeto um grande aprendizado. Acredito que o livro *Amarelo Ácido* seja o começo de uma série de livros que continuem a abordar mais situações da vida do descendente de asiático no Brasil.

8.0 BIBLIOGRAFIA

ALVES FILHO, Manuel. **Da xenofobia pintada de amarelo ao ‘quase silêncio’ dos intelectuais**. Jornal da UNICAMP, Edição. 399, 16 a 22 de jun. 2008, p. 3.

Asiáticos pela Diversidade. Disponível em: <<https://www.facebook.com/asiaticosdiversidade>>. Acesso em julho de 2018.

BAIK, Patrícia. **“Volte para a sua terra”**. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/PfSi7f>>. Acesso em julho de 2018.

BUENO, Alexandre Marcelo. **Representações discursivas do imigrante no Brasil a partir de 1945**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2011.

DEZEM, Rogério. **Matizes do “amarelo”: a gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878– 1908)**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1989.

IBGE. **Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência – Resultados Gerais da Amostra**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em julho de 2018.

KIM, Claire Jean. **The Racial Triangulation Of Asian Americans**. EUA, 1999.

LEE, Ingrid Sá (**Ing Lee**). Disponível em: <<https://www.facebook.com/iiiiinglee/>>. Acesso em julho de 2018.

LINDEN, Sophie Van Der. **Para Ler o Livro Ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NUCCI, Priscila. **Os intelectuais diante do racismo antinipônico no Brasil: textos e silêncios**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

Outra Coluna. Disponível em: <<https://outracoluna.wordpress.com>>. Acesso em julho de 2018.

Plataforma Lótus. Disponível em: <<https://www.facebook.com/plataformalotus>>.

Perigo Amarelo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/perigoamarelo>>. Acesso em julho de 2018.

SAD & ASIAN. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/sadasians>>. Acesso em julho de 2018.

SAKURAI, Célia. **Imigração japonesa para o Brasil. Um exemplo de imigração tutelada 1908– 1941**. En: XXII Encontro Nacional da ANPOCS. GT 9 Migrações Internacionais. Caxambu, Minas Gerais, 1998.

SALISBURY, M., & Morag Styles. **Children’s Picturebooks**. Reino Unido: Laurence King Publishing, 2012.

SALISBURY, Martin. **New Children’s Book Illustration**. Reino Unido: Laurence King Publishing, 2007.

SANTOS, C., ACEVEDO, C. **A Minoria Modelo: uma análise das representações de indivíduos orientais em propagandas no Brasil**. São Paulo, 2013.

SAYURI, Juliana. **O mito da minoria modelo**. Vice: Motherboard – Ciência e estereótipos, 07 fev. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/hm7bu6>>. Acesso em julho de 2018.

SCHNEIDER, Eric Han (**Monge Han**). Disponível em: <<https://www.facebook.com/mongehan>>. Acesso em julho de 2018.

UENO, Laura. **Conversando sobre raça e gênero na universidade: experiências de uma psicóloga amarela**. Medium, 04 jun. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/dXMm7M>>. Acesso em julho de 2018.

VINCO, A., MAZUR, D. **A Representatividade do Asiático-americano na TV Estadunidense: O Caso de Fresh Off The Boat**. São Paulo, 2016.

YO BAN BOO. Disponível em <<https://www.youtube.com/c/YoBanBoo>>. Acesso em julho de 2018.

YO BAN BOO. Coisas Que ASIÁTICOS BRASILEIROS Sempre Ouvem. YouTube, 14 jul. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/nhNYxzQn_XU>. Acesso em julho de 2018.

YO BAN BOO. se asiáticos brasileiros fizessem as perguntas que brancos fazem. YouTube, 29 set. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/gjJnZZr_h0w>. Acesso em julho de 2018.

ANEXOS





AMARELO ÁCIDO

SUZANA YUKARI MARUYA
FAU USP • 2018

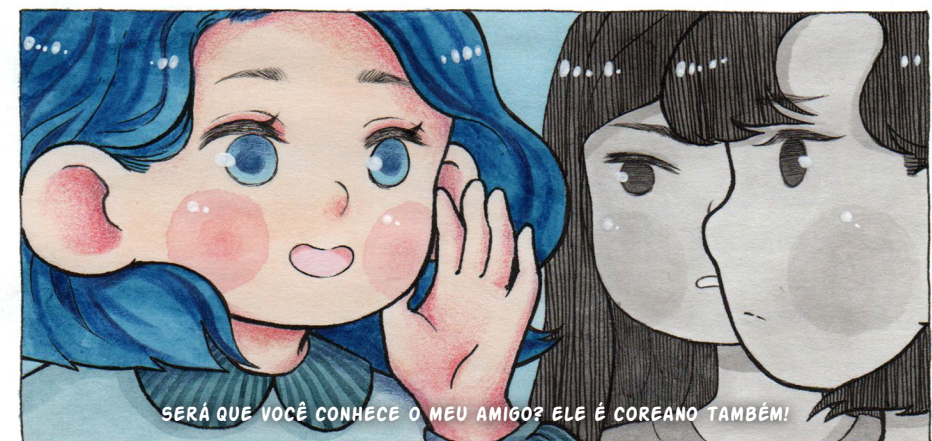
APELIDOS COMO "JAPA" GENERALIZAM OS ASIÁTICOS E DEPENDENDO DA PESSOA,
ELA PODE SE SENTIR SEM INDIVIDUALIDADE



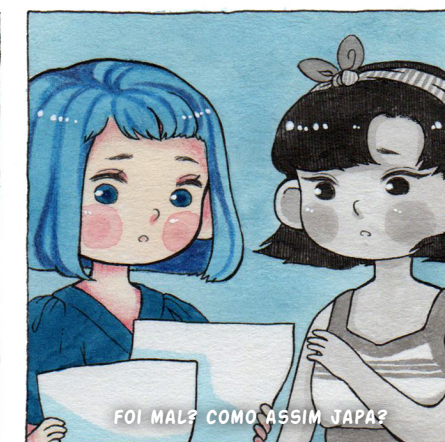
JÁ IMAGINOU SE PEDISSEM PRA UM DESCENDENTE DE ALEMÃO FALAR UMAS FRASES
ALEATÓRIAS PARA VER SE ELES SABEM A LÍNGUA DOS ANCESTRAIS?



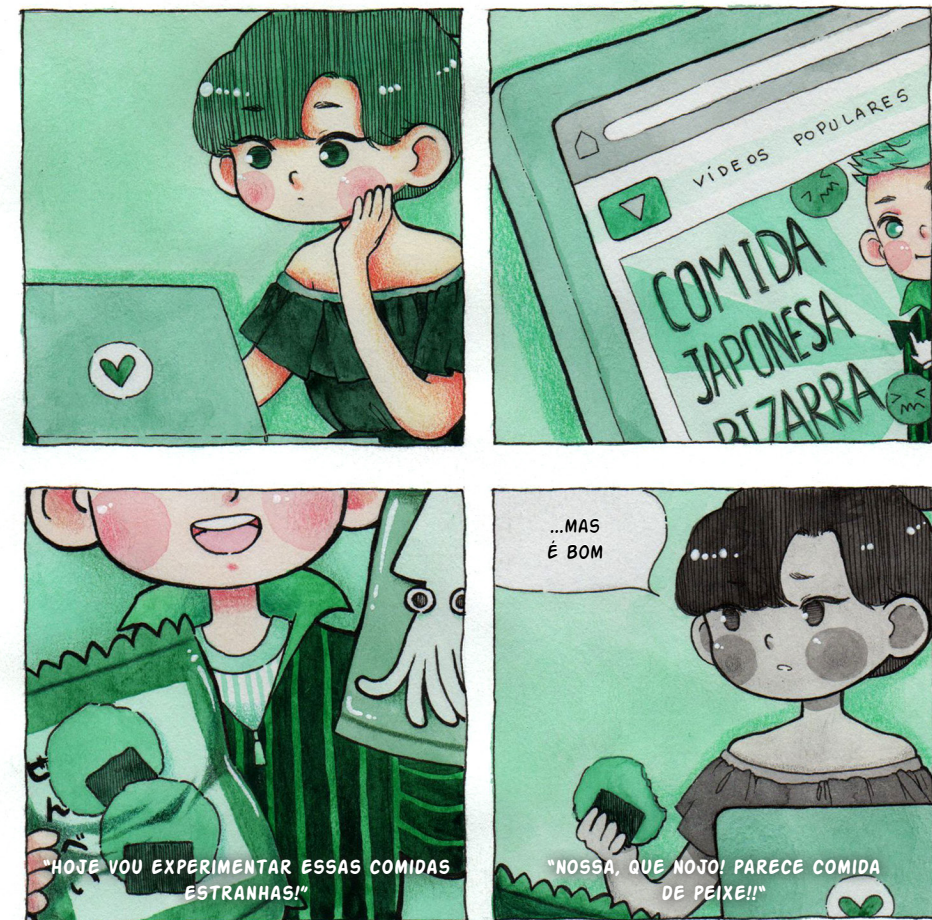
SE EXISTE ALGUMA DÚVIDA SOBRE ISSO... NÃO,
UM ASIÁTICO NÃO CONHECE TODOS OS ASIÁTICOS!



PARCE UM ELOGIO SER CONSIDERADO NATURALMENTE INTELIGENTE,
MAS ISSO SÓ CAUSA PRESSÃO PARA OS QUE NÃO CORRESPONDEM
A ESTE ESTEREÓTIPO E DESCASO COM OS QUE SE ESFORÇAM



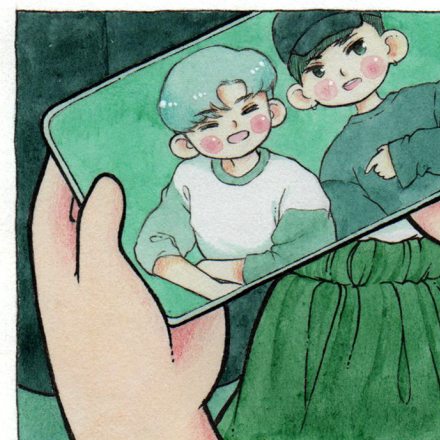
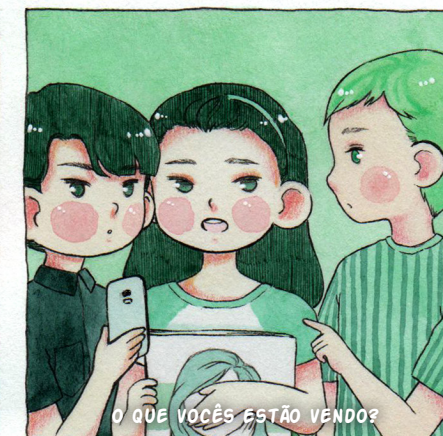
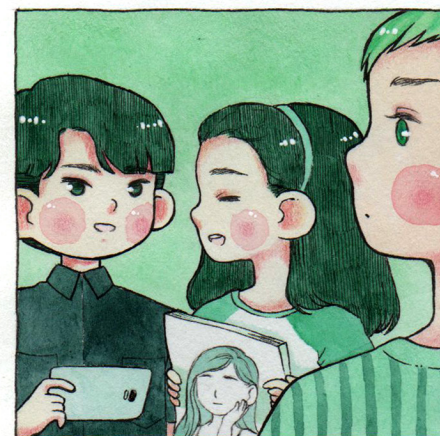
RIDICULARIZAÇÃO DA COMIDA ASIÁTICA PODE AUMENTAR AS BARREIRAS DO
DESCONHECIDO E DO PRECONCEITO PARA O PÚBLICO OCIDENTAL



"BRINCADEIRAS" IMITANDO A CULTURA OU A PRONÚNCIA DOS IMIGRANTES ASIÁTICOS NÃO É ENGRAÇADO, ESSAS "PIADAS" SÃO UM TANTO DEPRECIATIVAS



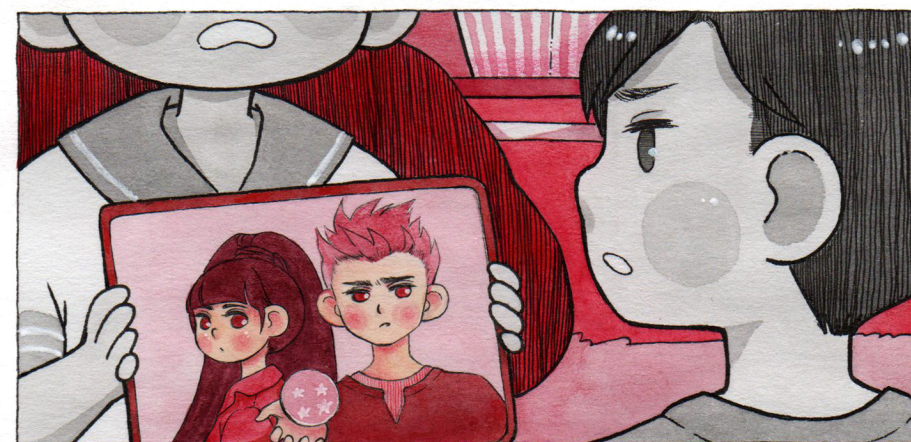
EM UMA SOCIEDADE COM PADRÕES DE BELEZA OCIDENTAL, O HOMEM ASIÁTICO
É VISTO COMO POUCO ATRATIVO E FEMINILIZADO



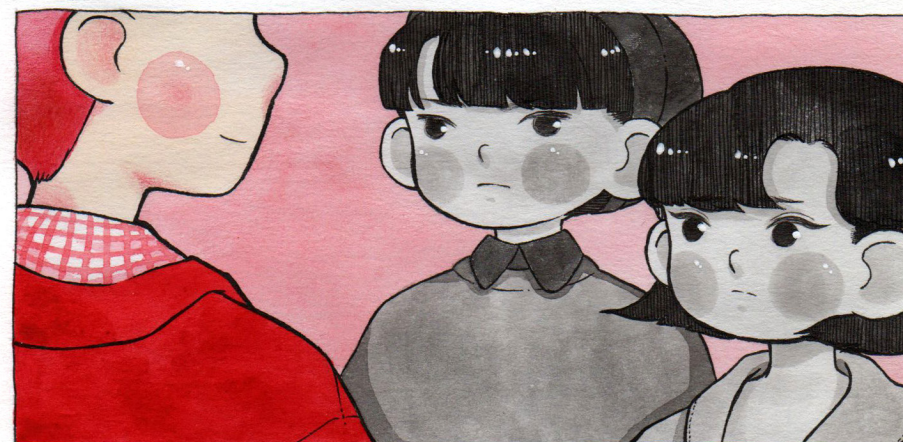
GESTOS PUXANDO O OLHO PARA "IMITAR" OS ASIÁTICOS É A FORMA PEJORATIVA
QUE ELES ERAM REPRESENTADOS PELOS OCIDENTAIS NO PASSADO



SUBSTITUIR UM PERSONAGEM ASIÁTICO POR UM OCIDENTAL DIMINUI
A REPRESENTATIVIDADE NA MÍDIA QUE JÁ É ESCASSA E ESTEREOTIPADA



FETICHES DA MULHER ASIÁTICA "FOFA E SUBMISSA" OU "SENSUAL E PODEROSA" SÃO DOIS EXTREMOS EM QUE A MULHER SE TORNA APENAS UM OBJETO



SE UM ATO DE PRECONCEITO NÃO INCOMODA UMA PESSOA, NÃO SIGNIFICA QUE
NÃO INCOMODA NINGUÉM. TER EMPATIA É PRIMORDIAL



